

## UMA ANÁLISE COMPARADA DO REMO: RIO DE JANEIRO E BAHIA

Coriolano P. da Rocha Junior<sup>1</sup>

**Resumo:** Neste estudo temos o objetivo de identificar as formas e sentidos do remo no Rio de Janeiro e em Salvador, buscando compreender, comparativamente, como se deu sua construção como uma prática cultural de relevância, em diálogo com a modernização dessas cidades, entre fins do século XIX e primeiras décadas do século XX, usando como fontes, periódicos de Salvador e livros já produzidos sobre o Rio de Janeiro. Por ter sido a capital brasileira no período, o Rio de Janeiro era o centro da política e da economia, já a Bahia, ao contrário, vivia um período de declínio. Sobre o remo, entendemos que este teve uma trajetória que aponta semelhanças em alguns aspectos e diferenças em outros, tendo sido uma prática repleta de valores “modernos”, um relevante evento aglutinador de diferentes parcelas da população.

Palavras-chave: Salvador; Rio de Janeiro; remo.

Neste estudo, temos o objetivo de identificar as formas e sentidos do remo no Rio de Janeiro e em Salvador, buscando compreender, comparativamente, como se deu sua construção como uma prática cultural de relevância em ambas as cidades. Nossa intenção é analisar a trajetória da participação desse esporte na constituição dessas sociedades, já que as duas cidades são ainda hoje, das mais relevantes no Brasil. Para tanto, temos como recorte temporal, o período entre fins do século XIX e primeiras décadas do século XX.

Salvador e Rio de Janeiro foram sucessivamente capitais do Brasil, todavia, no início do século XX viviam realidades diversas. Enquanto o Rio de Janeiro era a capital e a cidade mais importante do país, Salvador vivia uma fase de decadência, inserida em um contexto que dificultava qualquer nova aspiração, estando mais identificada com os “ares” dos séculos passados, tempos em que viveu seu auge. Nesse cenário, “a Bahia se viu progressivamente afastada do exercício mais efetivo do poder, resultando disso a tristeza por já não possuir influência comparável a que tivera no Império” (LEITE, 2005, p. 298).

Nessa época, por ser a capital brasileira, o Rio de Janeiro era o centro da política e da economia, tentando lidar com a nova cena que foi constituída a partir da abolição da escravatura, da instalação da República e das várias reformas e crises econômicas, possuindo características mais urbanas do que a Bahia<sup>2</sup>. A cidade tentava se projetar adiante nos novos tempos, procurando afastar-se de um Brasil colonial; já a Bahia, ao contrário, via nos tempos coloniais, sua época áurea.

Ao pensarmos o remo nas duas cidades estudadas, interessa-nos compreender como ele passou a circular no seu cotidiano urbano. É nossa intenção, ainda, entender como se deu

sua apreensão pela população, as adesões e resistências a sua prática. Dessa forma, entendemos ser possível compreender o remo e as próprias cidades.

O remo se instalou nas duas cidades, como uma prática que, ao contrário do turfe, tinha no homem seu verdadeiro agente, aquele que se expunha a ação corporal e, portanto, vivenciava diretamente a ambiência e os resultados (físicos e sociais) do esporte, além de também representar uma prática que simbolizava a Europa e o desejo nacional de fazer acontecer aqui, o que se tinha por lá, já que “pelo litoral do Brasil penetraram não apenas os numerosos produtos da poderosa indústria inglesa, mas também os valores e comportamentos considerados *civilizadores*, entre os quais a prática esportiva” (JESUS, 1999, p. 27).

O Rio de Janeiro e Salvador são duas cidades com um grande mar, com praias litorâneas e conhecidas baías, com portos, área importante de “diálogos” externos das cidades, logo, acaba por parecer natural o desenvolvimento de um esporte ligado ao mar. Todavia, Melo (1999; 2001), nos mostra que essa associação não foi espontânea, antes de tudo, foi uma construção cultural, o remo simbolizava novos hábitos, novos comportamentos, uma nova maneira de olhar e lidar com o corpo e também com a cidade, uma verdadeira forma de ser ou ao menos parecer moderno.

Ao tratar os valores e a importância do remo como esporte, Melo (2007a, p. 140), afirma que

é um dos mais importantes do século XX, por ter sido o primeiro a estabelecer definitivamente a ligação entre o esporte, a atividade física e as preocupações morais com a saúde, considerando aqui também uma vinculação com a educação moral. Foi o esporte mais popular no início do século, no Brasil e no mundo, tendo tido grande influência nos costumes e hábitos da população. Principalmente os membros das elites.

Ao pensarmos o remo e seu envolvimento com as cidades, vamos ver que em ambas, a sua prática significou também a abertura da cidade para o mar, já que, tanto no Rio de Janeiro como em Salvador, a população não se envolvia com o mar, com as praias, seja para banhos ou qualquer outra atividade. Também, o remo incorporava na sua prática corporal, atlética os símbolos do que se vivia como projeto político nas cidades, a instalação da modernidade. Dessa forma, novos significados de vivência no urbano, de convivência com pessoas, de relação com a velocidade, com tecnologias e, ainda, de aventuras, ações de vigor e de exposição do corpo foram vistas no remo.

Sobre essa dimensão inovadora do remo, Melo (2010a, p. 109) faz a afirmação de que

O remo contribuiu de forma fundamental para estabelecer e estabilizar valores que de alguma forma até hoje permanecem ao redor da prática esportiva: a valorização do desafio; a ligação com a atividade física, tão importante para a manutenção da saúde e para a consolidação de uma nova

estética corpórea, na qual a beleza diretamente ligada à compleição muscular era valorizada; a suposta honestidade e probidade moral dos que com o esporte se envolvessem; uma suposta “escola de virtudes”. [...]

O remo era, assim, apresentado como o esporte mais adequado aos “novos tempos”, estando ligado aos desejos das elites de recriar um mundo europeu no Brasil.

Em ambas as cidades, o desenvolvimento do remo também contribuiu para a ampliação dos clubes e para o aprofundamento da estruturação do esporte. Já vimos que o turfe ofereceu as primeiras formas de organização do esporte, mas foi a partir do remo que essa organização foi mais bem delineada, se percebendo a preocupação não apenas como o esporte, mas também com a cidade e sua constituição e, ainda, com a convivência social, pois, segundo colocação de Melo (2007a, p.140) “Era importante apresentar o remo não como uma prática ingênua, mas como um esporte engajado na “modernização” da sociedade: um centro de atividade física e saúde, local de preparação dos jovens que conduziriam a nação à glória e ao progresso”. Dessa forma, o remo, para a cidade do Rio de Janeiro e para Salvador foi uma prática esportiva que teve implicação com a própria dimensão de “recriação” das cidades.

O remo foi um esporte bastante importante para o Rio de Janeiro, tanto que teve seu valor e dimensão reconhecidos pelo próprio Pereira Passos<sup>3</sup>, que acabou se tornando um grande incentivador, na condição de prefeito contribuiu com o esporte com várias ações, como: o embelezamento da orla da cidade e a facilitação do acesso àquele espaço, condições que estimularam o uso das praias como local de diversão e de prática esportiva.

Outro importante trabalho foi à construção do Pavilhão de Regatas (1905), local que serviu para receber a elite carioca que participava das regatas. Em uma das obras de Sevckenko (2008b, p. 570), encontramos um detalhamento desse aspecto, quando este afirma que

foi ele (Pereira Passos) que estabeleceu o nexó entre a Regeneração, a modernidade e os esportes, ao construir o Pavilhão de Regatas na praia de Botafogo. O novo logradouro se tornou o foco da juventude elegante da cidade.

No Pavilhão, esse público encontrou um local ideal para sua participação nas regatas, já que esse espaço contava apenas com a presença de convidados da elite carioca e dispunha de todo o conforto e luxo necessários e mesmo exigidos por essa parcela da população. Além de ser um “palco” para a exibição de homens e mulheres que iam assistir as regatas, o pavilhão também era uma mostra do trabalho de reconstrução do Rio de Janeiro, onde a arquitetura utilizada procurou monumentalizar os espaços públicos, tornando-os por si só, espaços para a apreciação e também de deleite das novas benesses da modernidade carioca.

No Rio de Janeiro, desde meados do século XIX, se conhecia a prática do remo (1870), entretanto, é em 1874 que se fundou o clube responsável por definir o remo e seu estabelecimento entre os cariocas, o *Club Guanabarensis* (MELO, 2009a). Na virada do século, esse esporte ganhou desenvolvimento, já que estava alinhado ao projeto da modernidade (MELO, 1999). Naquele período, o Rio de Janeiro já contava com cerca de dez clubes dentre eles: *Club de Regatas Botafogo* – 1894; *Grupo de Regatas Gragoatá* – 1895; *Club de Regatas Icarahy* – 1895; *Club de Regatas do Flamengo* – 1895; *Club de Natação e Regatas* – 1896; *Club de Regatas Boqueirão do Passeio* – 1897; *Club de Regatas Vasco da Gama* – 1898; *Club de Regatas Guanabara* – 1899; *Club de Regatas São Christovão* - 1899 e *Club Internacional de Regatas* - 1900<sup>4</sup>.

Além dos clubes, constatamos também que na mesma época existiram algumas iniciativas de organização das associações que tinham o papel de regular a prática competitiva do remo, entre essas entidades, temos: em 1895, a União de Regatas Fluminense; em março de 1900, muda-se o nome da entidade, que passa a ser Conselho Superior de Regatas (que tentou regular o esporte em todo o Brasil) e em maio de 1902, surgiu a Federação Brasileira das Sociedades de Remo.

O remo ganhou projeção na mesma medida em que a cidade viu avançar seu projeto de modernização, as novas experiências sociais que foram construídas identificavam, nas características da prática do remo, valores e símbolos ajustados ao propalado pela modernidade. Para Melo (1999, p.59), no remo,

o moderno tinha relação com o indivíduo desafiador, audaz, conquistador, vencedor. Não se tratava mais de colocar cavalos para correr, e sim de participar mais ativamente, de demonstrar no próprio corpo saudável e forte os sinais dos novos tempos, de incorporar efetivamente um novo estilo de vida adequado à velocidade dos tempos modernos. O remo era o esporte da saúde, do desafio (ao outro e ao mar), o esporte da velocidade.

O avançar do remo como prática esportiva não se fez notar somente entre os ricos da cidade. Como o esporte de maior apelo nesse início do século, o remo atraía um público diversificado e de variados extratos da população. Entre seus fatores de interesse, estava a já vista representação dos ideais da modernidade, mas também chamava atenção a exibição dos corpos masculinos e seus modos de vestir. O fato de ser disputado em espaço livre permitiu que a platéia se formasse para além da do pavilhão, espalhando-se pela orla, ocupando as areias e as calçadas, tudo para estar em um dia de regatas. Dia esse que fazia a cidade se movimentar, que mexia com as aspirações e sentimentos do povo, que influenciado pelos jornais (que já tratavam as regatas), avidamente, esperava e se preparava para ir ver os

remadores em ação. Também os intelectuais de época foram admiradores do remo, entre esses, Olavo Bilac, cuja frase destaca-se “dia virá em que se há de reconhecer a grandeza dos serviços que os clubes de regatas estão prestando ao Brasil”<sup>5</sup>. Essa afirmação pode nos dar bem o peso do remo na capital brasileira.

Se no Rio de Janeiro o remo mexeu com a cidade, em Salvador, encontramos um quadro semelhante.

Ao tratar sobre o remo em Salvador, Gama (1923, p. 321) diz assim:

no que diz respeito ao *sport* náutico, pode-se bem dizer que, com a fundação da “Federação dos *Clubs* de Regatas da Bahia”, em 26 de junho de 1904, pelos *clubs* “Victória”, “S. Salvador” e “Itapagipe”, [...] teve o seu início entre nós, realizando-se em 02 de abril de 1905, na Enseada dos Tainheiros (Itapagipe), a primeira regata oficial da Bahia, com barcos dos *typos* “canôas” a 2 e a 4 remos e “baleeiras” a 4 remos. Desde então se tem realizado, com regularidade, duas regatas (no mínimo) por anno, sempre animadas e disputadíssimas pelos *clubs* fundadores, e mais o Santa Cruz.

Em Salvador, esses quatro clubes<sup>6</sup> foram os que fizeram acontecer as regatas, tornando-as uma atividade de importância e valor para a cidade. Se no Rio de Janeiro as regatas se deram inicialmente na Enseada de Botafogo e depois foram transferidas para a Lagoa Rodrigo de Freitas, em Salvador, elas sempre aconteceram na Enseada dos Tainheiros, o que garantiu a esse espaço um lugar na memória sentimental baiana<sup>7</sup>.

Se no Rio de Janeiro o próprio local das regatas demarcava um espaço característico dos avanços da cidade, uma vez que passou por melhorias, reformas e construções, foi, então, “mostrado” à cidade como um novo espaço de ocupação, o mesmo não pode ser dito de Salvador.

Nessa cidade, as grandes obras da modernização se deram exatamente em sentido oposto à enseada das regatas. Toda a área da chamada Península Itapagipana, que foi durante um tempo uma área de veraneio das elites locais, com sua característica de lugar tranquilo e belo, manteve-se sem as invasões das reformas urbanas seabristas, que queria, acima de tudo, construir uma nova cidade da Bahia, passar por cima do Centro Histórico e, ainda, abrir a cidade na direção norte, na linha da Avenida Sete de Setembro, sua maior obra.

Dessa forma, a Cidade Baixa, não foi palco das reformas urbanas em Salvador e ao contrário, foi deixada de lado, inclusive por aqueles que lá veraneavam e que passaram com o tempo a ocupar outras áreas da cidade. Tal aspecto bem mostra que não havia, por parte dos dirigentes políticos da cidade e do estado, maior interesse no apoio à prática esportiva, por mais que essa fosse encarada por seus praticantes e pela população como mais um ganho com

a modernização de Salvador. Dessa forma, o que se viu desde então, foi uma degradação de toda a região, onde ainda hoje se pratica o remo.

Como mostrou-nos Gama (1923), era comum acontecer na cidade duas grandes regatas, uma a cada semestre, sempre sob a organização de um clube ou da Federação de Regatas. O remo e suas regatas sempre foram notícia nos jornais baianos, suas competições eram sempre mostradas como uma autêntica demonstração de civilidade da cidade e de seus moradores, ora com vivas, ora com críticas ao seu desprestígio.

Salvador, da mesma forma que o Rio de Janeiro, buscava se modernizar e para tanto, investiu em tentativas de modificação de sua urbanidade, como também em propostas de alterar as condutas da população. O remo foi um esporte apontado como de grande valia para a constituição de novas personalidades, novas formas de agir e de ser.

Os jornais locais anunciavam as regatas desde a sua organização, mostrando quais seriam seus páreos, os clubes que participariam de cada um e, ainda, comentavam os cuidados gerais na organização do evento, para que tudo corresse bem e que todo o público pudesse dele aproveitar da melhor maneira. Para tanto, além da prática esportiva em si, as regatas também envolviam a participação de bandas e sinfônicas, que tinham a tarefa de entreter o público. Cada clube colocava a disposição de seus sócios e convidados um barco que tinha o papel de levar essas pessoas enseada adentro, para que de lá assistissem as regatas, da mesma forma que se dava no Rio de Janeiro. Esses barcos tinham o papel de oferecer conforto a essas pessoas e ao mesmo tempo, “afastá-las” do convívio com os populares, que assim como no Rio de Janeiro, assistiam as regatas nas calçadas ou mesmo nas areias.

Da mesma forma que no Rio de Janeiro, os remadores eram vistos em Salvador como autênticos exemplos de uma nova saúde, representantes da melhor espécie de “forma” e compleição física, verdadeiros homens que sabiam inspirar a juventude a se portar de maneira “digna” e respeitosa, valores da nação, assim, tinham incorporados em si, aquilo que era ventilado como avanços da modernidade.

Diferente do Rio de Janeiro, que possuiu um vasto número de clubes, no período deste estudo, Salvador manteve os quatro de origem (Victória, Santa Cruz, Itapagipe e São Salvador)<sup>8</sup>, tendo ainda o *Sport Club* Bahia participado de algumas regatas. Da mesma forma, a entidade que foi inicialmente montada, se firmou como a Federação de Clubes de Regatas da Bahia. Tal dado pode ser atribuído a alguns fatores, como: menor população e menor poder econômico da Bahia; a massiva circulação do futebol na cidade, em detrimento de outras práticas e, ainda, um baixo apoio político à prática, além do abandono dos clubes pelas elites que deles participavam.

Em Salvador, ao mesmo tempo em que observamos os jornais estampando matérias alusivas ao remo e as suas regatas, do processo inicial de organização a amostragem de seus resultados e não só os esportivos, verificamos também matérias que apontam críticas referentes à sua estrutura, a exemplo do que traz o jornal *A Tarde*<sup>9</sup> “mais uma vez recomendamos aos que forem por mar assistir a regata de domingo vindouro, não ancorarem suas embarcações no meio da raia, nem cortarem-na na hora do pareo”.

Esse pedido era recorrente nos diversos jornais de Salvador e se fazia sempre antes de cada regata. Significa dizer que realmente eram concorridas as regatas, já que além das embarcações oferecidas pelos clubes, outras, particulares também iam enseada adentro assistir e participar do grande evento que eram as regatas. Por outro lado, também podemos afirmar que tal pedido, implica a compreensão de que a população não dominava as lógicas da competição, chegando mesmo a atrapalhar seu andamento, dessa forma, a “educação” esportiva não era completa, mesmo entre a elite.

O mesmo jornal *A Tarde*<sup>10</sup>, que foi o primeiro a trazer matérias sobre esporte na capa e com fotos desde seu lançamento<sup>11</sup>, trazia, na edição de 19 de dezembro de 1912, uma interessante matéria. Nela, o jornal questionava e lamentava a não participação dos baianos no Campeonato Brasil de remo, realizado no Rio de Janeiro, ao mesmo tempo em que criticava dirigentes esportivos e políticos baianos pelo fato. Na sequência, ressaltava que se tivesse havido participação baiana, teria o Brasil visto o valor de seus jovens. Era assim parte do texto:

A equipe baiana estava formada e os seus elementos teriam salientado galhardamente o nome da Bahia na manifestação de um costume progressista e avançado. E os cariocas que se orgulham com razão, de dizer hoje continuarem a manter frente no sport náutico, ficariam sabendo que na Bahia” come-se vatapá e caruru”, mas acompanha-se também a civilização.

Nesse texto, ao mesmo tempo em que ressaltava os valores civilizadores do esporte, o jornal reclamava para a Bahia a noção de civilidade que dizia existir no Rio de Janeiro e para isso, trazia a lembrança de pratos da culinária local, típicos da população de origem africana e ligada as suas religiões. Parece-nos que o jornal, quer dizer que apesar desse “ranço” de atraso (africano, negro), também somos avançados e queremos mostrar isso. Em contrapartida, essa não participação baiana, também demonstra uma limitada organização e o frágil apoio local ao esporte, por mais que esse representasse a elite e seus interesses.

Com tudo isso, podemos considerar que o remo, enquanto esporte que denotava os valores modernistas e que, portanto, simbolizava valores e sentimentos pelo novo, teve no Rio de Janeiro e em Salvador grande potência como prática esportiva. Clubes e entidades

reguladoras foram fundados, as regatas se transformaram em eventos significativos e de valor muito maior que o esportivo, tornando-se mesmo um marco das novas relações sociais. Todavia, o que se viu foi um avanço maior na cidade do Rio de Janeiro, uma maior organização e um forte apoio, enquanto que em Salvador, essa prática decaiu em importância e significado, foi, pois, substituída pelo futebol no gosto e na aceitação entre os soteropolitanos, fato que segue até hoje.

---

<sup>1</sup> Docente da Faculdade de Educação da UFBA, Doutor em História Comparada (UFRJ). Contato: [coriolanojunior@uol.com.br](mailto:coriolanojunior@uol.com.br)

<sup>2</sup> Ao longo deste texto, ao usarmos o nome Bahia, estaremos nos referindo diretamente a sua capital Salvador e isto, por reconhecermos que é nela que se concentravam as forças políticas e econômicas, mesmo não sendo um pólo produtor, seja na agricultura ou na indústria. Além disto, as próprias definições territoriais da Bahia estão na época deste estudo ainda bastante difusas. Exemplo disto são as ações do governo estadual para definição de limites territoriais, como aparece no Jornal Diário de Notícias em 10/01/1914 (com Sergipe) e em 22/08/1916 (com Minas Gerais).

<sup>3</sup> Prefeito da cidade do Rio de Janeiro entre 1902 e 1906.

<sup>4</sup> Fonte: <http://www.lazer.eefd.ufrj.br/remo/docs/menu1.html>.

<sup>5</sup> Fonte: <http://www.lazer.eefd.ufrj.br/remo/docs/menu1.html>.

<sup>6</sup> Esporte Clube Vitória (1899); Clube de Natação e Regatas São Salvador (1902); Clube de Regatas Itapagipe (1902) e *Sport Club* Santa Cruz (1904).

<sup>7</sup> Sobre isto, ver Revista Graúca, ano I, N.3, edição especial, 2010.

<sup>8</sup> São os mesmos que ainda competem na atualidade.

<sup>9</sup> *A Tarde*, 24/10/1912.

<sup>10</sup> *A Tarde*, 19/12/1912.

<sup>11</sup> Em 12/10/1912.